

Entre o lazer e a técnica: um estudo sobre os bailes de dança de salão do Clube das Pás no Recife – PE.

Fabiola Cristina de Oliveira Bento Aquino, Edilson Fernandes de Souza

¹Graduada em Licenciatura Plena em Educação Física - UFPE; Especialista em Dança e Consciência Corporal - UGF; Mestra em Educação - UFPE; Doutoranda em Educação - UFPE; Professora da rede municipal do Jaboatão dos Guararapes

² Edilson Fernandes de Souza

Doutor em Educação Física - Universidade Estadual de Campinas; Pós Doutor Universidade do Porto; Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Docente do Curso de Educação Física e do Programa de Pós Graduação em Educação - PPGE/UFPE.

Correspondência para: fab_danca@hotmail.com

Submetido em 01 de setembro de 2022.

Primeira decisão editorial em 20 de dezembro de 2022.

Segunda decisão editorial em 20 de janeiro de 2023

Aceito em 01 de março de 2023.

Resumo

Sabe-se que a dança, desde sua forma mais remota, é utilizada pela humanidade como meio de comunicação com seu semelhante e retrata as necessidades das civilizações e as celebrações religiosas e/ou festivas. Tais representações, ao longo dos tempos, sofreram modificações e ganharam significados distintos do passado, haja vista a cultura dos bailes que fizeram as festas ganharem novos sentidos, e a dança, ritmos e técnicas corporais diversificados. Assim, o objetivo do estudo é analisar os corpos dançantes dos frequentadores dos bailes no Clube das Pás no Recife. A partir da observação desse local e da análise em caráter bibliográfico, concluiu-se que a dança nos bailes dos clubes demonstra mais emoção, liberdade e criação sem a preocupação excessiva de técnicas e movimentações exageradas.

Palavras Chaves: Bailes, Dança, Técnica.

Between Leisure and Technique: a study on the Ballroom Dance Balls of Clube das Pás in Recife - PE.

Abstract: It is known that the dance, from its most remote form, is used by humanity as a means of communication with its peers and portray the needs of civilizations and religious and/or festive celebrations. Such representations, over time, under went changes and gained different meanings from the past, given the culture of the balls that made the parties gain new meanings, and the dance, rhythms and diversified bodytechniques. Thus, the objective of this study is to analyze the dancing bodies from the dancing of the regulars of the Balls at Clube das Pás in Recife. From na observation of this placeand a bibliographic analysis, it was concluded that the dance in the balls of the clubs demonstrates more emotion, freedom and creation without the excessive concern of techniques and exaggerated movements.

Keywords:Balls, Dance, Technique.

Entre ocio y técnica: um estudio sobre los bailes de salón del Clube das Pás en Recife - PE.

Resumen: Se sabe que La danza desde sus formas más remotas es utilizada por La humanidad como medio de comunicación con sus semejantes, retratando lãs necesidades de lãs civilizaciones y celebraciones religiosas y/o festivas. Tales representaciones, com El tiempo, sufrieron cambios y adquirieron significados diferentes a los Del pasado. Teniendo encuesta la cultura de los bailes que hizo que lãs fiestas adquirieran nuevos significados y los ritmos de baile y técnicas corporales diversificadas. Así, el objetivo Del estudio es analizar los cuerpos danzantes del baile de los habituales de los bailes del Clube das Pás de Recife. A partir de una observación de este lugar y um análisis bibliográfico, se concluyó que el baile em el Club Balls demuestra más emoción, libertad y creación sin La excesiva preocupación por las técnicas y movimientos exagerados.

Palabras clave: Pelotas, Danza, Técnica.

1. Introdução

Ao se estudar as possibilidades corporais existentes no ser humano, verifica-se que há diversas formas de movimentar-se que superam o simples ato de mover as estruturas presentes em cada corpo. O corpo tem uma linguagem própria, que dispensa a articulação de palavras ou sons para guiá-lo. A partir do corpo, o ser humano pode articular-se e expressar seus sentimentos desde a Antiguidade Clássica. Para externar tudo que sentia e não conseguia verbalizar, o ser humano recorreu ao movimento, ao gesto e à dança para se fazer perceptível em determinados espaços sociais.

Considerando as reflexões de Elias (1994), mesmo não sendo objeto deste artigo, é evidente a relação imbricada entre indivíduo e sociedade, especialmente no que concerne às configurações formadas a partir de diferentes valências abertas, representadas pelas pessoas no processo de sua interdependência funcional. Assim, podemos pressupor que, dessa relação imbricada, são produzidos sentidos e formas de comunicação e expressão, o que nos leva a

compreender uma importante evidência da tríade indivíduo, sociedade e dança, que nos revela à história cultural greco-romana.

Para Freire (2001), há claramente a influência da dança na formação sociocultural de um povo. Houve uma construção cultural desse corpo dançante com traços peculiares típicos de grupos sociais e sociedades inteiras. Desde sua criação, a dança tem inúmeros significados, e cada civilização a utilizou da forma com que mais atendia suas necessidades. Por meio das manifestações dançantes, o indivíduo conseguiu estabelecer uma relação consigo mesmo, com o outro e com o ambiente em que se encontrava inserido. No processo social, o corpo, por meio da dança, possibilitou a compreensão do indivíduo sobre si mesmo, bem como a interação de duas ou mais pessoas. Logo, diferentes sociedades foram descobrindo que a dança seria uma das melhores formas de se trabalhar todo potencial de expressão do corpo humano.

Embora o movimento esteja intrinsecamente presente no processo de crescimento e desenvolvimento humano, podemos aprender novas maneiras de direcioná-lo, aprimorando-o através de técnicas específicas. O aprendizado de tais movimentos se dá mediante estímulos e repetições, ou vem da imitação do que já foi apresentado, ou até passa a ocorrer ao se definir uma identidade própria nessa movimentação. Na dança, além de toda riqueza contida na essência de cada movimento, há uma infinidade de técnicas capazes de transformar os corpos de indivíduos dançantes em excelentes bailarinos.

Para Mauss (1974), indivíduos de diferentes culturas constroem corpos e comportamentos por meio da “imitação prestigiosa”. Tudo que estaria consolidado e estabelecido na sociedade é reproduzido pelos demais, mesmo que de maneira inconsciente, sobretudo, as manifestações culturais. Com a dança não é diferente, uma vez que alguns indivíduos possuem técnicas corporais apuradas mesmo sem terem feito aulas específicas de dança ou terem estudado alguma técnica propriamente dita e, por intermédio da repetição e da consciência que seu corpo lhe oferece, conseguem desenvolver expressões e movimentações encontradas em bailarinos que já dispuseram de várias técnicas da dança.

A partir do período renascentista, as danças começaram a ser concentradas nos salões das sociedades de corte, provavelmente uma das formas de passatempo ao lado do desporto, de forma que ambos entretinham os diferentes ambientes da realeza, conforme estudos de Elias (2001). E, em meio ao encontro de corpos, aos poucos, foram surgindo as danças em pares. Como nos apresenta Rocha e Almeida (2007), a dança passou a traduzir situações e

estados da alma, levando o ser humano a praticá-la não apenas sozinho, mas com parceria ou em grupo. Surge, então, o que poderemos chamar de danças de salão.

Nesse período histórico, a dança era a autêntica representação da sociedade da época e servia de entretenimento para a burguesia, porque as manifestações se diferenciavam entre as dos nobres e as dos plebeus (BENTO; BENTO, 2011). Nos bailes da corte, havia um ritual que conduzia a dança desde as vestimentas à disposição dos casais pelo salão. Parecia um espetáculo bem dirigido e metricamente ensaiado, observado à medida que os bailarinos giravam o salão em um único sentido. O mesmo acontecia nas festas das camadas populares, em que a dança também tinha presença consolidada e era a típica manifestação da alegria e da comunhão entre as famílias das cidades que dispunham de seus próprios rituais. Estes eram parecidos com o que era encontrado nos bailes da burguesia, porém com significados e sentidos diferentes. Havia mais interesse em desfrutar da dança em seu momento de lazer do que de sua técnica.

Essas diversas formas de se expressar na dança seguiram presentes em demais períodos históricos – até os tempos atuais –, a técnica oriunda da consciência corporal inata e desenvolvida pelos apaixonados e admiradores da dança em alguns momentos foi de encontro à técnica corporal existente no estudo de suas variadas modalidades rítmicas. Nessa perspectiva, tecendo as narrativas da nossa vida pessoal na dança, pudemos observar que já pertencíamos aos dois grupos de análise. Isso ocorre, pois, a dança nos foi apresentada de forma natural, sem preocupações técnicas com o que estava certo ou errado, deixamo-nos envolver e vimos nossos corpos serem preenchidos por essa energia dançante. Tal fato posteriormente também nos fez despertar para o estudo de alguns métodos já consolidados para aprofundarmos o conhecimento enquanto bailarinos e amantes das danças.

Todavia, sempre percebemos esse entrelaçar de metodologias presentes em várias modalidades dançantes, em particular na dança de salão, sobretudo nos bailes existentes na cidade do Recife. De fato, há uma diferença entre os bailes das academias/escolas de dança e os bailes dos clubes da cidade. Muitos alunos dessas instituições, ao preocuparem-se com o aprendizado da técnica, acabam por ignorar questões importantes, como criatividade, emoção, descontração, melodia e prazer, e preenchem suas danças com repetições mecanizadas ou malabarismos esvaziados de sentimento. Assim, a dança acaba por ser vista de forma nivelada por quantidade e qualidade de movimentos direcionados à espetacularização.

Em contrapartida, nos bailes dos clubes da cidade, encontramos uma dança mais alegre e livre, onde seus frequentadores não demonstram preocupação quanto à execução de

movimentos certos ou errados, pois a satisfação em poder dançar e se divertir é o que importa. Uma curiosidade é que esses locais são frequentados, além de pela comunidade circunvizinha e pelos admiradores da dança, por muitos alunos (as) dessas instituições de ensino da dança, onde eles não têm o mesmo cuidado excessivo em executar uma técnica precisa ou movimentações corretas e bem elaboradas. O dançar é celebrado com muito mais sentimento, deixando-se levar pela melodia e pela troca mútua existente entre os pares que ali estão, sobretudo com pessoas que não dispunham do mesmo conhecimento aprofundado na dança de salão. Isso nos leva a pensar esses locais como um lugar onde a dança retoma sua essência de improvisação, libertação, prazer e felicidade.

Destarte, como frequentadores de alguns bailes da cidade do Recife, optamos por fazer um estudo bibliográfico e observacional sobre a forma como a dança de salão é representada nos bailes da atualidade, especificamente no Clube das Pás¹, o mais antigo do país responsável por um dos bailes mais tradicionais na cidade do Recife. O objetivo é analisar os corpos dançantes dos casais frequentadores dos bailes do Clube das Pás no Recife. Para tanto, procuramos amparo e fundamentação na literatura existente e ressaltamos a importância desses bailes frequentados por alunos(as) de escolas de dança de salão e também pelos moradores da região circunvizinha do referido clube que há anos preenchem os espaços do salão nos dias de festa.

2. Procedimentos Metodológicos

Sendo amparados pelas reflexões de Minayo (2009) e Kauarket al. (2010) acerca das pesquisas qualitativas, e pelos escritos de Bogdan e Biklen (1994), que admitem a complexidade de valores não quantificáveis envolvendo estudos nas áreas das ciências humanas e sociais, apresentamos os procedimentos utilizados que nos permitiram analisar os corpos dançantes a partir do dançar desses frequentadores do Clube das Pás em meio às variadas técnicas corporais encontradas durante os bailes de dança de salão. Considerando as observações enquanto frequentadora dos bailes, foi tomada como referência a pesquisa bibliográfica buscando amparo na literatura para sustentar nossa discussão sobre se as danças são vislumbradas por seus adeptos pelo lado das técnicas corporais existentes ou se apresentam mais como forma de lazer e apreciação delas.

¹ A história do Clube das Pás – o mais antigo do País – remonta à sua fundação no dia 9 de março de 1888, dois meses antes da Abolição da Escravatura no Brasil. Dados extraídos do site: <https://clubedaspas1888.com.br/biografia> Acesso em 04 de ago. 2022.

Para situar o leitor sobre a importância desse espaço social onde a pesquisa está localizada, apresentamos um pouco do lócus do estudo. O local escolhido para realizar a análise é o Clube das Pás, o mais antigo do país, famoso por seus bailes tradicionais ao som da orquestra da casa e por ter o melhor salão de dança da cidade e o mais tradicional espaço de gafeira de Pernambuco². Nesse espaço, observamos a presença de um público diversificado que frequenta assiduamente os bailes. Boa parte dele é formado por casais e senhoras solteiras, divorciadas ou viúvas acompanhadas por jovens dançarinos contratados para dançar e diverti-las durante os bailes, muitos deles são monitores ou professores de academia/escolas de dança. Também é bastante comum a presença de grupos de alunos e componentes de escolas de dança, principalmente em comemorações de aniversários – quando a orquestra da casa pontualmente a meia noite para a música para entoar os parabéns aos aniversariantes do dia. Uma particularidade encontrada nesse público diversificado é a forma como se dispõem a dançar ocupando os espaços do salão sem aquela preocupação excessiva com o espetáculo, mas sim com a diversão.

A dança de salão é uma atividade física que engloba uma série de atributos relacionados ao controle do movimento, como equilíbrio, flexibilidade, força, ritmo e agilidade (BENTO; BENTO, 2011, p. 01). Além disso, é uma importante ferramenta social, emocional e muito prazerosa, possibilitando autoconhecimento, segurança e respeito mútuo, o que proporciona criatividade, bem-estar e felicidade para quem a pratica.

Ao frequentar os bailes de dança de salão nos clubes, sempre nos chamou atenção a forma como alguns casais dançavam com certa particularidade. Vale salientar que estes eram frequentes em vários bailes da cidade. Alguns casais também eram vistos nos bailes das academias/escolas de dança, porém não se expressavam com a mesma liberdade dos salões dos clubes. Tal constatação aguçou ainda mais a nossa curiosidade e despertou o interesse em analisar os corpos nesses dois locais diferentes, muito embora sejam os mesmos corpos, mas com atuações distintas.

Logo, procuramos nos aproximar de algumas pessoas e indagamos que notávamos uma diferença na maneira como dançavam nos clubes e nas academias/escolas. Para reforçar nossas observações e questionamentos, elas nos falaram que sentiam que, naquele ambiente (academias/escolas), a presença de professores, monitores e pessoas que “dançavam muito” tornava o ambiente mais formal, onde a iminência do erro era comum, então preferiam fazer

²Dados extraídos do site: <https://clubedaspas1888.com.br/biografia> Acesso em 04 de ago. 2022.

apenas o que aprenderam nas poucas aulas de dança que tiveram. Em contrapartida, nos bailes dos clubes, como no Clube das Pás, por exemplo, sentiam-se livres para dançar sem a preocupação de que alguém estivesse olhando se aquilo estava certo ou errado, uma vez que estavam ali com o intuito de se divertir e a maioria nunca frequentou aulas de dança, se reuniam naquele ambiente pelo puro prazer em dançar. Ademais, a dança para eles era mais uma forma de lazer. Essas alegações reforçam o intuito da nossa pesquisa e da análise sobre o objeto: a liberdade de representar a dança em sua essência como satisfação própria para preenchimento do que está dentro de si e de outrem, sem preocupações excessivas com as técnicas dos movimentos.

Nesse contexto, mesmo considerando as limitações próprias de uma investigação mais aprofundada, observamos os casais por aproximadamente oito bailes, no mês de junho de 2022. Foram dois casais com idades entre 65 e 69 anos (mulheres) e 69 e 73 anos (homens), que frequentam os bailes dos sábados e dos domingos no referido clube dançante. Suas vestimentas nos bailes das sextas-feiras, das 17h às 2h da madrugada, e dos sábados, das 18h às 3h da madrugada, obrigatoriamente são roupas sociais, ternos e gravatas para os rapazes e vestidos longos ou longuete (até o comprimento dos joelhos) para as damas. No entanto, aos domingos, das 17h às 22h, é liberado o uso de roupas esportivas para ambos os sexos.

Os casais já eram nossos conhecidos, pois já havíamos nos encontrado em várias ocasiões nos próprios bailes, bem como em alguns workshops de Jaime Aroxa, no Recife. Contudo, mesmo assim, procuramos, junto à diretoria das Pás, informações complementares acerca de suas presenças e assiduidades nos eventos promovidos pelo clube. Dessa maneira, pelo curto espaço de tempo, a nossa observação participante foi devidamente registrada em caderno de campo, além de realizada em conversas “informais” com os casais-dançarinos. Há de se notar que os quatro participantes são casais no salão de dança, bem como em suas trajetórias de vida, tendo, inclusive, adquirido suas independências financeiras e aposentadorias.

3. Breves considerações históricas sobre a dança de salão

A dança, em sua forma mais remota, foi utilizada pelo ser humano como variadas possibilidades de comunicação com a natureza e/ou seu semelhante, também como forma de manifestações da divindade celebrando sentimentos, em busca de seu próprio alimento ou até da fertilidade. Retratava as necessidades das civilizações mais antigas, de alguma maneira, todos os seres humanos dançaram como expressão da vida. Lima (2018, p. 14) afirma que, ao

bater os pés no chão, o indivíduo pré-histórico descobre que os sons realizados em conjunto com as mãos podem ser utilizados de forma harmônica, para a construção de novas formas de manifestar os seus rituais.

Muito tempo se passou desde os indícios das primeiras manifestações dançantes e, com ele, ocorreu a evolução da dança. Paulatinamente, a dança foi se moldando às sociedades e ganhando novas formas e significados distintos do passado remoto. Ora, se o ser humano foi capaz de modificar a sua própria estrutura corporal passando da posição quadrúpede para a bípede, como não modificar a forma de dançar? Não dançamos como nossos antepassados, porém a essência da dança a acompanhou e continua presente até os dias atuais. Como na Antiguidade, a dança ainda é muito utilizada em celebrações, principalmente em momentos felizes e em rituais festivos. No entanto, surgiram diversas maneiras e modalidades da dança e, com elas, técnicas corporais que variaram com o tempo, em particular na dança a dois/dança de salão, que evoluíram bastante desde os bailes da corte.

Partindo desse contexto de mudanças ocorridas na dança e nas variadas formas de manifestar corpos dançantes ao longo dos tempos e de cada cultura, Mauss nos apresentou seu olhar sobre os objetos de estudo e renovou as interpretações relativas às técnicas do corpo e ao seu caráter cultural, de modo que três eixos atravessam esse olhar (MAUSS apud ROSA, 2019):

“1) mostra que as técnicas do corpo não se limitam ao uso dos instrumentos, ferramentas; 2) as técnicas do corpo diferem com as culturas. É uma posição importante e sugestiva: há movimentos que convêm a certas culturas e que convêm menos a outras; 3) as técnicas do corpo variam com o tempo” (MAUSS apud ROSA, 2019, p. 342).

As diferentes técnicas corporais são adquiridas por cada indivíduo no decurso da sua socialização (ROSA, 2019, p. 346). Estariam estas apresentadas por intermédio das danças de salão, figurando, assim, como possibilidade de um (re)encontro com o passado e das pessoas com suas expressões e técnicas corporais e com o movimento humano e como forma de interação com o meio social onde vivem. Isso ocorre, já que, outrora, seu contexto histórico foi construído por manifestações multifacetadas envolvendo diferentes décadas e classes sociais, muito embora tenha sido predominante nas classes dominantes dos salões de bailes europeus.

Surgida durante a Idade Média e o Renascimento, também foi chamada de dança social por ser praticada por casais em festas. O aprendizado das danças fazia parte da educação neste período, logo havia diferenciações no dançar das classes nobres em relação às populares (RIED, 2003), sendo estas também muito apreciadas como forma de lazer e

diversão tanto nos salões da nobreza quanto nos povoados em geral. Porém, segundo a autora, os aristocratas executavam as danças da corte enquanto o povo se exercitava a partir das danças tradicionais.

Em virtude dessa distinção precisa, surgiram formas refinadas e formalizadas da expressão dos padrões de comportamento prescritos pela respectiva sociedade (cortês ou popular), cuja perpetuação agora já requeria um certo grau de instrução formal, pelo menos no tocante às danças da nobreza (RIED, 2003, p. 8).

Embora nesse período a dança também tenha sido utilizada para outros fins, os bailes da corte eram a apresentação e a representação das famílias nobres e de grandes posses das regiões circunvizinhas que aproveitavam aquele momento para firmar acordos políticos, econômicos e até pessoais, uma vez que muitos casamentos dos herdeiros dessas classes mais abastadas foram firmados e oficializados nesses bailes. Jovens que soubessem dançar e se portar bem nos salões de bailes eram vistos como bons partidos para o matrimônio, já que o ensino da dança estava atrelado a uma boa educação. Para as mulheres, esses ensinamentos eram ainda mais importantes, pois teriam que ser exemplos de virtude e obediência para seus futuros maridos. Nas danças da corte, o homem figurava com total altivez e imponência, como deveriam ser os chefes de família, enquanto as mulheres seriam embaladas e levadas pela condução destes acompanhando seu parceiro nos salões e na vida.

Com base nesse contexto, surgiram os professores de dança e de etiquetas que tinham a missão de ensinar os(as) jovens nobres a se portar de forma refinada com o intuito de que eles fossem aceitos pelo seu grupo social de origem, sendo a dança um dos principais atributos que esses (as) jovens deveriam ter (SANTOS, 2014). Assim, os cursos de dança de salão eram frequentes na preparação desse público para a vida social nos salões da corte. Vale ressaltar que as primeiras danças de casais não eram realizadas em enlaçamento de pares, pois se considerava pecaminoso o maior contato corporal (SANTOS, 2019, p. 22). Esse entrelaçamento dos pares como é visto nos dias atuais só ocorreu no percurso do desenvolvimento da dança de salão após a miscigenação das diversas culturas das quais fez parte, sobretudo após serem levadas para as regiões da América.

No Brasil, as danças de salão tiveram seus primeiros passos em nosso território por meio dos portugueses no século XVI e mais tarde por imigrantes de outras nacionalidades (PERNA, 2005). A família real portuguesa, que chegara ao Brasil por volta de 1808, trazia na bagagem gostos e hábitos sociais europeus, incluindo as danças e os costumes de bailes. No entanto, não podemos deixar de citar as danças indígenas, estas em determinados momentos e

rituais eram dançadas em pares, antes de termos a família real portuguesa em solo brasileiro (LIMA, 2018, p. 17).

Durante o primeiro reinado português, os nobres trouxeram a influência das danças estrangeiras e, diante da necessidade da corte de se manterem atualizados, começaram a buscar mestres de danças europeias para trazer as danças que estavam na moda. No segundo reinado, os bailes de dança de salão eram considerados como a diversão predileta da sociedade carioca (LIMA, 2018, p.19). Esses bailes eram eventos sociais muito importantes não só para diversão, mas também para fazer negócios e firmar alianças, assim como problemas de ordem política e econômica eram discutidos em bailes diplomáticos (DE PAULA, 2008).

Apesar de todo empenho da corte em realizar bailes ricos aos moldes europeus, esse tipo de evento não tinha apenas caráter social para diversão dos nobres, também fazia parte de um processo civilizador oriundos da família real portuguesa. Ademais, serviam também como representação das alianças de poder existentes, perdurando-se por longos anos nesse formato. Essa miscigenação de culturas européias, somada às influências indígenas e dos negros africanos, formou e moldou a cultura brasileira nas danças e nas músicas (SANTOS, 214). Assim, a dança de salão passa a ser uma das mais usuais formas de lazer no Rio de Janeiro desde os tempos do Império.

Como era estabelecido pelas sociedades, as danças que chegaram ao território brasileiro mantiveram suas características, entre elas o distanciamento de origem entre seus pares. “A primeira dança a dois enlaçada a chegar no Brasil foi a alsa, por volta de 1837” (PERNA, 2005, p. 16). Essa era uma das mais antigas representações da dança de salão, uma vez que os pares rodopiavam em torno de si, dando voltas pelos salões da nobreza e exibindo toda evolução, leveza, e plasticidade do dançar. Até hoje, tal modalidade é muito praticada em eventos sociais como casamentos, bailes de debutantes e formaturas (SANTOS, 2014). Posteriormente, por volta de 1870, já em território brasileiro, a primeira dança a dois de origem a ser relatada é o maxixe (NUNES; NASCIMENTO, 2020).

É a partir do maxixe que surge o samba na década de 1930 (PERA, 2005). Ele invade os salões cariocas de dança de salão e torna-se mais tarde uma das referências do povo brasileiro. Sua forma técnica de dançar sofreu mudanças ao longo do percurso, variando de acordo com a localidade, com o baile onde era apreciado ou com o(a) bailarino(a). Porém, trouxe em sua “bagagem” histórica os traços daquele ritual de elegância, das variações e dos rodopios pelo salão e do cuidado com a parceira muito observados nos antigos bailes da

aristocracia. Os bailes continuavam sendo o principal divertimento e o meio de negócios da sociedade carioca e nas demais localidades brasileiras. Em Pernambuco, há registros de salões e festas aos moldes europeus desde o Segundo Reinado (ZAMONER, 2014). Foi no seio dessas organizações que se estabeleceram novas relações entre diferentes classes sociais e entre os gêneros (PAIXÃO, 2020, p.37). Após ter aportado em solo brasileiro, a dança de salão recebeu influências de outras danças, músicas e culturas, além disso se popularizou na sociedade e ganhou força, servindo mais tarde como base para formação da cultura tradicional brasileira.

3.1. Riscando o Salão

O baile, bem como a festa, é um acontecimento social, presente em diferentes tempos, espaços e culturas, e traz uma série de sentimentos para a comunidade que o celebra (SANTOS; SANTOS, 2015). A tradição dos bailes vem desde o surgimento da dança. Sejam quais forem a modalidade e a época, esses espaços eram idealizados e organizados de modo que representassem e tivessem as características dos estilos de dança, das classes que os organizavam e, sobretudo, dos seus participantes. Havia todo um ritual e tradição, era uma peça fundamental na composição do status social.

Tendo surgido desde o Renascimento, os bailes sofreram muitas alterações de acordo com os padrões sociais existentes. Como já apresentado, a chegada da família real ao Brasil estabeleceu na província o costume dessas festas, e o que a princípio era um privilégio das classes dominantes, posteriormente, caiu no gosto de toda sociedade, sobretudo com a popularização das danças de salão, que se tornaram acessíveis às demais classes sociais. Dança essa não somente praticada por profissionais, mas também por pessoas comuns que se sentem atraídas a ela e estabelecem um diálogo entre seus corpos no tempo e no espaço. Talvez seja essa a maior riqueza da dança: possibilitar que qualquer pessoa possa estabelecer uma linguagem única com seu próprio corpo, uma vez que o corpo é nosso instrumento de expressão por via de movimento (LABAN, 1978, p.67).

Segundo Lima, Santos e Rodrigues (2011, p. 119), as festas eram e são encontros dançantes que celebram com alegria a confraternização dos corpos, que congregam diferentes motivações. Na atualidade, vemos um modelo de baile que se difere dos apresentados durante o Império, principalmente após o surgimento de novos ritmos e modalidades de dança. Contudo, a tradição desses locais ainda hoje traz em sua essência as influências vivenciadas nos séculos passados seja pelo respeito que os dançarinos têm pelos espaços e pela tradição da

dança, seja nos cuidados consigo e no apressado com suas vestimentas, posturas adequadas e melhor forma de se portar nos salões.

Diante do exposto, focamos nossa pesquisa nessa construção e modelo de baile encontrado nas sociedades atuais, a fim de buscar compreender como a dança de salão se apresenta nesses espaços analisando os corpos dançantes dos(as) dançarinos(as), os quais, em sua maioria, são frequentadores assíduos e constroem as características desses lugares. Na cidade do Recife, palco da nossa pesquisa, existem alguns tradicionais clubes, e praticamente todos têm a cultura dos bailes de dança de salão realizados semanalmente – como é o caso do Clube das Pás, lócus da pesquisa. Apesar das diferenças que separam os grupos, há sentimentos em comum: a paixão pela dança e o desejo de dançar. Essas pessoas se envolveram com a dança por várias motivações: por serem alunos(as) em academias/escolas de dança, por influência familiar, para fazer novas amizades e encontrar novos amores ou simplesmente por se sentirem atraídos pela dança.

Enfim, são inúmeras as motivações que levam uma pessoa a começar a dançar. Como retrata Marques (1999, p.54), “dançar, é movimentar-se pelo espaço, é sentir o corpo livre, é comunicar-se consigo mesmo, é desfrutar, liberar-se...”. A dança desperta uma fascinação não só em quem a pratica, mas em todos(as) que a admiram. Aqueles(as) que procuram os salões de baile para dançar, em sua maioria, relatam exatamente esses sentimentos em relação à dança. Não há espaço para se pensar em técnicas apuradas que muitas vezes transformam o dançar em movimentações mecânicas e repetitivas, o que se pretende é entrar em contato consigo e com outrem através da dança, de modo que ambos construam uma sintonia que lhes permita desfrutar daqueles momentos a dois de forma plena.

Assim, como no passado, existe todo um ritual que envolve a celebração dos bailes de dança de salão, o que não se difere dos tempos antigos, e este começa bem antes da chegada aos locais escolhidos para “riscar” o salão. Frequentando alguns bailes no Clube das Pás, pude observar que essa é uma prática comum a seus participantes, sobretudo aqueles(as) associados(as) do clube que estão presentes em todas as ocasiões ou mesmo os(as) que, apesar de não serem sócios(as), são frequentadores(as) assíduos (as) dos bailes de dança. Há uma preocupação em estar sempre vestido(a) à altura dos bailes e de acordo com cada estilo de festa, sendo ela temática ou não, como acontece nos tradicionais bailes de Réveillon, quando todos(as) trajam branco, ou nos carnavalescos, quando se deixam levar pela imaginação nas inúmeras fantasias apresentadas.

Esses costumes começam na escolha da vestimenta mais bonita, adequada, bem cuidada e perfumada. É parte principal do processo, em que as damas têm preferência por vestidos ou saias mais longas, que permitam mostrar mais balanço no embalo da dança, com um calçado específico, que se divide em sapatos fechados ou sandálias de saltos, para compor o figurino com classe e elegância. As mulheres estão sempre maquiadas e com cabelos bem penteados, presos ou soltos, com algum detalhe para enfeitá-los de acordo com o estilo de cada dama. E os cavalheiros também se apresentam bem trajados com calças e camisas sociais, geralmente de mangas longas em tons neutros, e calçados muito bem cuidados, chegando a brilhar no salão. Alguns optam por um modelo mais tradicional, discreto, outros se rendem ao estilo da gafeira e desfilam seus sapatos bicolores, com solado mais alto, e um chapéu panamá para compor o figurino do exímio boêmio. Muitas dessas pessoas que frequentam o Clube das Pás relatam que a maneira como se arrumam, vestindo sua melhor roupa com prazer e satisfação, e se portam, com educação está relacionada não só à paixão pela dança, mas também ao respeito pelo local e pela tradição dos bailes, como bem foi retratado desde seu surgimento.

Esses hábitos que circundam os bailes e os seus frequentadores geram um estilo próprio de cada lugar. Por exemplo, nas academias/escolas de dança, não encontramos o mesmo estilo de baile apresentado nos clubes. O dançar também é visto de outra forma, mais técnico, muitas vezes mecânico, de modo que há uma preocupação excessiva em executar e acertar o maior número de movimentos, tornando a dança carente de sentimentos e vazia em sua essência. Tal característica faz daquele ambiente, que deveria ser de descontração, celebração e socialização do aprendizado adquirido, um palco de exibição de passos, onde, em muitos momentos, os espaços do salão e do outro não são respeitados.

Esses e outros aspectos estão presentes nas reflexões de Abreu (2013), ao verificar as críticas feitas pelos frequentadores dos bailes da cidade aos dançarinos oriundos das academias/escolas de dança: a “[...] dança era considerada “uma dança ‘enquadrada’, ‘formatada’, ‘repetitiva’, ‘competitiva’, ‘distanciada’, ‘cheia de malabarismos’ e ‘esvaziada de sentimentos” (ABREU, 2013, p.103). Assim, pelo enxerto, percebemos que se tratava mesmo de uma dança que foge completamente do sentido dessa arte, em que o corpo é a materialização da linguagem gestual por meio dos movimentos e dos sentimentos que percorrem o próprio ato de dançar.

Em nossa participação nos bailados, ouvimos muitos relatos de pessoas que não frequentam mais bailes de academias/escolas por se sentirem intimidadas; por não saberem

realizar tantos movimentos, preferem os bailes dos clubes, nos quais não há essa preocupação em excesso e o prazer e a diversão dos atores sociais estão acima da técnica perfeita. Aliás, há um estilo próprio de dançar entre os casais que lá estão, são particularidades que fazem você reconhecê-los em qualquer salão de dança e admirar a sintonia existente entre aqueles corpos.

Uma das principais abordagens de Marcel Mauss (1974) sobre as teorias do corpo retrata a imitação prestigiosa que significa educarmos o uso técnico do corpo, tendo como modelo alguém que possui prestígio, mais especificamente a “autoridade social” de quem realiza o movimento do corpo (RODRIGUES, 2000, p.134). A concepção indica que o indivíduo procura imitar aqueles atos que obtiveram êxito na sociedade, partindo de pessoas que, de um certo modo, têm algum tipo de “autoridade” sobre elas. Entretanto, também Mauss (1974) nos explica que sua construção teórica partiu de observações de seu cotidiano, o que demonstrou a existência de diferentes culturas, justificando a diversidade de técnicas corporais. Ele ressalta que essas diversidades expressam particularidades definidas como próprias em cada organização social (RODRIGUES, 2000). Isso vem reforçar nosso pensamento sobre as técnicas da dança, as quais, apesar de serem referências conceituadas e reconhecidas, também fortalecem a criação individual, em que criatividade, sensibilidade e energia transmitida por cada corpo dançante são únicas.

4. Considerações Finais

Neste artigo foi possível compreender um pouco da história das danças de salão, sobretudo suas influências na sociedade brasileira após seu desembarque em nosso território, a partir da chegada da família real portuguesa, em 1808, o que provocou vários impactos no convívio social. Pudemos analisar esses costumes e suas transformações em vários momentos históricos, haja vista as mudanças socialmente ocorridas com a incorporação de novos ritmos, bem como o legado deixado por intermédio das celebrações dos bailes como aconteceu desde Idade Média e Renascimento. É perceptível que os ritos, a tradição e o respeito por esses lugares permanecem vivos na atualidade como um “ambiente sagrado” para a representação da dança.

Em nosso estudo, objetivamos analisar os corpos dançantes a partir do dançar dos frequentadores dos bailes no Clube das Pás. No entanto, também foi possível dizer que a essência natural da dança, que hipnotiza e seduz tantas pessoas, vem sendo deixada de lado devido a rigores técnicos que tornam a dança uma construção mecanizada sob a reprodução de movimentos esvaziados, não cabendo, portanto, muitas vezes naquele momento. Essa

mecanização acaba por desvalorizar a unidade criativa e a improvisação particular existente nas danças. Enquanto objeto de análise, foi possível, também, constatar esta argumentação ao comparar os bailes que acontecem no Clube das Pás com os das academias/escolas de dança. Assim, verificamos que a construção da dança nos clubes demonstra muito mais emoção, liberdade e criatividade. As pessoas fazem daquele ambiente um local leve e descontraído, sem rotulações, onde sentem prazer em frequentar nos seus momentos de lazer.

Por outro lado, nos bailes das academias/escolas de dança, as festas não seguem os mesmos rituais, pois as pessoas que ali estão se preocupam mais com a quantidade de passos que vão executar durante a música do que mesmo em sentir a própria música, conforme as nossas observações e a literatura consultada.

Diante do exposto, ressaltamos que, em meio às variadas técnicas corporais encontradas na dança de salão, não se faz necessário “engessar” a forma de dançar, nivelando-a como uma simples construção coreográfica de movimentos vazios de sentimentos. O dançar vai além da reprodução de passos, é uma construção e uma descoberta mútua em constante aprendizado. Os corpos comunicam-se em uma linguagem própria, não podemos, portanto, nivelá-los tecnicamente sem que haja espaços para novas criações.

Referências

ABREU, Fernanda Ferreira de. O par como unidade criativa: reflexões sobre criação e técnica na dança de salão. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 101- 112, mai. 2013.

BENTO, Fátima Cristina de Oliveira; BENTO, Fabíola Cristina de Oliveira. A Dança de Salão influência na manutenção da boa postura corporal? **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires - Año 16 - Nº 156 - Mayo de 2011. <http://www.efdeportes.com/> Acesso em 15 de ago 2022.

DE PAULA, Daniel Augusto Meira. Dança de Salão: História e Evolução. 2008, 25p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Rio Claro. Rio Claro, 2008.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realiza e da aristocracia de corte. Trad. Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FREIRE, Ida Mara. Dança-educação: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento. **Caderno Sedes**, v. 21, n. 53, p. 31-55, 2001.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique.

Metodologia da pesquisa: guia prático. Itabuna. Via Litterarum, 2010.

LABAN, Rodolf. **Domínio do movimento.** São Paulo: Summus, 1978.

LIMA, Ishad Jordan Pegado Freire de. **Dois corpos que dançam:** Aspectos históricos, vivenciais e reflexivos da dança de salão. 2018, 31p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

LIMA, Marlini Dorneles de; SANTOS, Rosirene Campêlo dos; RODRIGUES, Renato Gonçalves. As festas, os bailes e as danças: em cena as manifestações da cultura quilombola do Estado de Goiás. In: Práticas corporais em comunidades quilombolas de Goiás/ Ana Márcia Silva (org). José Luiz Cirqueira Falcão (org). - Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

MARQUES, Isabel. **Ensino da dança hoje: textos e contextos.** São Paulo: Cortez, 1999.

MAUSS, Marcel. **As técnicas corporais.** Sociologia e antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 28^a ed., 2009.

NUNES, Bruno Blois; NASCIMENTO, Flávia Marchi. Produção de conhecimento sobre danças de salão: um levantamento de Livros, Teses e Dissertações no Brasil. Revista da FUNDARTE. Montenegro, p.01- 20, ano 20, n° 41, abril/junho de 2020. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>> 30 de junho de 2020.

PAIXÃO, Aline dos Santos. Passado Presente e Futuro do Samba de Gafieira: uma etnografia nos anos 2018 e 2019 no Rio de Janeiro. 2020, 136p. Dissertação de Mestrado Acadêmico apresentada à Escola de Ciências Sociais – FGV CPDOC (História, Política e Bens Culturais). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2020.

RIED, Bettina. **Fundamentos de dança de salão:** programa internacional de dança de salão. Londrina, Midiograf, 2003.

RODRIGUES, Rogério. Sociedade, Corpo e Interdições: Contribuições do Estudo de Marcel Mauss sobre as Técnicas do Corpo. **Conexões:** revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 0, n. 4, p.129-140, jan./jun. 2000 ISSN: 1983-930.

ROSA, Vitor. As técnicas do corpo em Marcel Mauss e o campo desportivo. **Estudos Sociológicos.** Araraquara, v. 24, n.47, p. 341-350, Jul - Dez 2019.

ROCHA, Márcio Donizetti; ALMEIDA, Cleuza Maria. Dança de Salão, Instrumento para a Qualidade de Vida. **Movimento & Percepção,** Espírito Santo de Pinhal, SP, v.7, n.10, jan./jun. 2007.

SANTOS, Lena Pacheco dos. Aspectos motivacionais na prática da Dança de Salão. 2014, 63p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física). Instituto Federal de

Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Muzambinho. Muzambinho, 2014.

SANTOS, Drielly Gonçalves; SANTOS, Rosirene Campêlo dos. A dança de salão em cena: o baile e os corpos dançantes. Anais do VI Congresso de Ginástica para todos – 22 a 24 de outubro de 2015 – Goiânia – Goiás.

ZAMONER, Maristela. História da dança de salão no Brasil: Pernambuco do século XIX. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires - Año 19 – Nº 192 – Mayo de 2014. <http://efdeportes.com/>